

Edgar Morin, o arquiteto do pensamento

Entrevista a Miguel Pereira

Oitenta anos completados no dia 8 de julho de 2001, Edgar Morin não pára de fabricar idéias e nem de pensar o mundo que o cerca. Sempre na contramão do estabelecido, vive da indagação. Alimenta-se da dúvida. Acredita na incerteza. De um certo modo, admira e humildemente se serve do paradoxo para sair da mesmice.

Em janeiro, na sede da UNESCO, em Paris, agendei uma entrevista com Edgar Morin com o objetivo de completar minha pesquisa sobre o Instituto Columbianum e o padre Arpa. Recebeu-me em sua sala de trabalho com tempo contado, pois a lista de pessoas do dia era grande. Além do que eu desejava saber sobre suas relações com o Columbianum, entre 1960 e 1965 (quando Morin não apenas participou como jurado dos festivais de cinema latino-americano, como coordenou uma pesquisa sobre o herói no cinema para uma das jornadas de estudo que acompanhavam as mostras), queria aproveitar a oportunidade para uma entrevista mais ampla para a **Alceu**, cujo primeiro número deixei em suas mãos.

Aliás, seu primeiro livro foi fruto de uma pesquisa singular. Logo depois da Segunda Guerra Mundial, foi viver na Alemanha que ajudou a derro-

tar com seu engajamento na Resistência Francesa. Sem muitas opções de trabalho, acabou fazendo parte do estado-maior do Primeiro Exército que se instalou na zona francesa de ocupação. Entre outros motivos, queria ver de perto o que significava viver a derrota e suas conseqüências na vida cotidiana. Colocou-se no lugar do outro. Escreveu *O ano zero da Alemanha* em 1946. Um ano depois, Rossellini faria seu contundente “Alemanha, ano zero”. Além da coincidência do título, só mesmo a coincidência da observação participativa de ambos deve ser levada em conta. E nada mais. A não ser um certo espírito desbravador do tempo histórico como testemunho do futuro. Hoje, tanto um como outro podem ser entendidos como luzes novas que nos ajudam a perceber o complexo e empolgante século que acabamos de deixar.

Em suas memórias que têm o sugestivo título de *Meus demônios*, Edgar Morin relata a experiência do sucesso editorial de seu primeiro livro, na Alemanha Oriental. Embora censurado, (Edgar Morin não diz o que censuraram), o livro alcançou uma tiragem de 50.000 exemplares, e, num momento de poucos recursos financeiros, a notícia da fabulosa venda o levou a Berlim Oriental, junto com seu amigo Robert Antelme cujo livro *A espécie humana* também se tornara um best-seller lá, com cerca de 30.000 exemplares vendidos, num carro emprestado por Marguerite Duras. Infelizmente, os marcos orientais pouco compraram e de nada lhe valeram nos difíceis anos de desemprego entre 1947 e 1950. O sucesso do livro na Alemanha Oriental se explica por uma mudança casual da posição de Stalin em relação aos alemães, assim como a boa acolhida que teve na imprensa do Partido Comunista francês. É que Stalin resolveu, de uma hora para a outra, “estender a mão ao povo alemão”, cunhando um novo *slogan*: “os Hitler passam, o povo alemão continua”. Nada disso, no entanto, alterou o seu modo de ser e pensar, independente e crítico, até a sua saída definitiva do Partido. Filiara-se ao PC no tempo da resistência, em 1942, e acabou expulso em 1951, por defender posições divergentes da linha oficial do partido. Como exemplo desse seu espírito rebelde em relação às exclusões de qualquer espécie, revela que contra o boicote da Resistência, assistiu ao concerto da Filarmonia de Berlim, dirigida por Furtwangler, em Lyon, entre 1942 e 1943, segundo ele, “para não permitir que a música se contamine com algo distinto dela mesma”. Neste mesmo sentido, deu sempre primazia à amizade sobre os interesses, as relações e a ideologia. Adotou a “regra de ouro de Lichtenberg: não julgar os homens por suas opiniões, mas pelo que suas opiniões fazem deles”. Completa Morin: “Meu princípio é que a amizade atravessa as diferenças e as oposições políticas. E porque creio na amizade, ela é, para mim, trans-política, trans-classista, trans-étnica e trans-racial”.

O fato é que Edgar Morin é um pensador quase autodidata em sociologia, filosofia, antropologia, música e outras artes. Embora sem se considerar um especialista em cinema, realizou com Jean Rouché “Crônica de um verão” (Cronique d’un été), em 1961. Mas, antes já havia escrito dois livros fundamentais para a compreensão do fenômeno cinematográfico: *O cinema ou o Homem imaginário*, de 1956, e *As estrelas*, de 1957. Sua investigação começa com a estimulante constatação de que tanto o cinema como o avião são invenções que nos foram legadas pelo século XIX, e, paradoxalmente, os seus papéis se inverteram. Enquanto o avião realizava o sonho humano de voar, o cinema reproduzia o movimento e a realidade. Mas, o que se deu foi que o cinema tornou-se a usina dos sonhos e o avião uma coisa prática e utilitária. Na verdade, foram duas invenções que se direcionaram para objetivos diferentes de suas propostas originais. A pergunta que lhe fiz foi: que invenções importantes o século XX deixou para o século XXI?

Edgar Morin - Creio que a primeira é a explosão da genética. Quero dizer, o avanço da biologia genética e a inacreditável possibilidade de manipulação da vida e da própria vida humana em particular, como estamos já testemunhando. Nas últimas quatro ou cinco décadas, a biogenética praticamente decifrou quase todos os códigos da vida. Estamos, portanto, diante de algo revolucionário tanto para o bem como para o mal.

A segunda invenção é a multimídia e suas possibilidades avassaladoras. A internet, por exemplo, que nos possibilita a todos de estarmos juntos, embora separados espacialmente. O fax, a imagem cinematográfica, o vídeo, o computador e a linguagem digital. Enfim, aspectos da revolução da informática que acabam se ligando à revolução genética. Certas informações e pesquisas genéticas só são possíveis hoje devido à informatização. São, portanto, invenções complementares.

Estas invenções, porém, foram experimentadas por seus criadores que desenvolveram técnicas específicas para a confecção dos artefatos que se tornaram comuns na vida das pessoas.

Quais as conseqüências dessas invenções para a vida quotidiana da humanidade?

Edgar Morin - Tudo que é técnico é ambivalente. Desde o início da humanidade, a técnica é usada para produzir utilidades ou para levar à morte. Hoje em dia, por exemplo, a energia atômica tanto pode ser

utilizada para fins pacíficos e úteis, como para produzir mortes e guerras. Por outro lado, a informação e a propaganda muitas vezes difundem a mentira. É necessário, portanto, que se desenvolva uma nova e ativa consciência na humanidade, assim como a própria inteligência do homem para que não caminhemos para a catástrofe. Quero dizer que se não estivermos alertas, a manipulação da genética e da informação poderá ter graves conseqüências sobre os seres humanos. A humanidade deve estar consciente e ter inteligência suficiente para controlar essa nefasta possibilidade em relação ao seu futuro.

Se o século XIX foi marcado pelos grandes temas e teorias da modernidade, o século XX os colocou em prática. Ensaiou todas essas idéias e construiu a ambígua e complexa idade moderna. Fator visceral desse processo é o que se convencionou chamar de sociedade de massa que Edgar Morin analisou, pioneiramente, numa abordagem muito pessoal, em seu sétimo livro, aqui batizado com o título *Cultura de massas no século XX*, e, no original, *L'Esprit du Temps*, de 1962. Trata-se de uma espécie de panorama reflexivo sobre o espírito do tempo. Morin passa por todos e mais importantes temas da cultura de massa e termina com algumas interrogações sobre o futuro, sendo a última talvez a mais esperançosa e mais ecológica, antes da moda. Ele pergunta e também responde:

Que será desses fermentos, desses sucos, na medida em que o homem se torne cada vez mais preso pela prodigiosa aventura da técnica, que lhe abre, não só os horizontes cósmicos, mas as possibilidades de uma transformação interna radical, de uma mutação inaudita? Há demasiadas variáveis emaranhadas, demasiadas incertezas, uma tensão pré-apocalíptica grande demais para que possamos prever. Mas talvez, sob nossos olhos e por fragmentos desconjuntados, já se delineie o esboço simiesco - o cosmopiteco - de um ser (dotado de mais consciência? e de mais amor?) que poderia encarar o dever e assumir uma condição cósmica. (Morin, 1967: 191)

Passados quase 40 anos da primeira edição de *L'Esprit du Temps* suas análises continuam instigantes. Nas memórias, define mais claramente “o que é ser culto”, a partir da constatação de que é uma espécie de desejo seu e constante preocupação de investigar-se a respeito dessa questão. Diz que as culturas humanística e científica, quando separadas, são duas subculturas.

Hoje, compreendo que a cultura é a junção do que está separado, e ousou afirmar que milito desta forma pela cultura, isto é, pela comunicação entre o que está fragmentado e disperso em pedaços de quebra-cabeça, fechado em compartimentos herméticos, que trabalho por uma articulação reintegradora do que está desintegrado. Em outras palavras: a cultura é a policultura. (Morin, 2000:45)

Seu raciocínio evolui para o que ele considera o “ser culto hoje”, afirmando que é não se isolar na especialização, nem apenas satisfazer-se com “idéias gerais nunca submetidas a exame crítico por não estarem de acordo com os conhecimentos particulares e concretos”. Cita Pascal para dizer que ser culto é ser capaz de exercer “um pensamento que alimenta os conhecimentos do todo dos conhecimentos das partes”. Ser culto, complementa Morin, “é, ao mesmo tempo, ser capaz de antecipar, certamente não de predizer, mas de encarar as possibilidades, os riscos e as chances. A cultura é, em suma, o que ajuda o espírito a contextualizar, globalizar e antecipar”. (Morin, 2000: 45)

Depois de afirmar que a cultura só pode ser lacunar e cheia de buracos, inacabada e mutante, aplica a si próprio esses conceitos, dizendo:

Tento ser culto, interessando-me não apenas pelos grandes textos da literatura, pelos problemas-chave de que tratam as ciências, mas também por mil detalhes que tecem a vida quotidiana. Tento ser informado sobre as mudanças na ordem do conhecimento - eu lia até pouco tempo atrás as revistas *Science* e *Nature* e continuo a ler revistas científicas e não-científicas, folhetos, textos e artigos sobre os problemas do mundo.(...) Colho ainda o mel das mil flores das quais me alimento, tento reunir o que está disperso, *sparsa colligo*, mas leio muito menos, abandono vastas superfícies na atualidade do saber, não posso mais agitar meus pseudópodes em todos os sentidos e, no entanto, estou sempre no limite da dispersão. Tornar-se culto é uma aventura perigosa. (Morin, 2000: 46)

Foi neste contexto que perguntei a Edgar Morin o que ele considerava, em seu livro *Cultura de massas no século XX*, ainda válido e que ligações ele poderia fazer das idéias ali expostas com a sua teoria atual da complexidade. Respondeu-me:

Edgar Morin - Se definimos o cinema, àquela época, como indústria cultural, podemos dizer que, pela primeira vez, uma criação do espírito humano, da arte, estruturou uma fórmula que partiu da especialização do trabalho, da divisão do trabalho, reunindo inúmeras especialidades para ser produzido, tais como roteiristas, fotógrafos, montadores e diretores, para chegar à lógica da estandarização do consumo, o consumo máximo. Filmes de grande audiência, com meios espetaculares e grandes estrelas. No entanto, esta tendência à estandarização, criou também a sua oposta, isto é, uma tendência que caminha na direção da singularização e da individualização. Será sempre necessário o novo para fazer frente às cópias. A arte sempre ultrapassa a estandarização. É por isso que a usina dos sonhos produz não apenas filmes estandarizados, mas também obras-primas. Alguns diretores, como Howard Hawks ou John Ford, foram competentes e criativos para transformar estereótipos em arquétipos. Conseguiram ultrapassar a banalidade para alcançar valores antropológicos. Chegaram aos grandes temas, como os do *western* que aborda a justiça no lugar da violência. Na verdade, o tema central desse cinema realizado pelos grandes diretores é a chegada do mando da justiça e da ordem num universo de injustiça, desordem e crime, criando uma mitologia formadora dos valores de uma sociedade.

Pode-se dizer algo semelhante em relação ao *rock*. Há grupos que podem ser identificados com algo que se poderia chamar de selvagens, transgressores, independentes, sem qualquer noção de pontualidade, enfim, com o que se poderia chamar de contra-corrente que muitas vezes a indústria transforma em consumo de massa. Mas, dentro desse universo surgem grupos e artistas que resistem a todos os assédios e transmitem suas mensagens, como Bob Dylan, por exemplo.

A complexidade surge de algo que é complementar a outro. Vem de um certo grau de complementariedade entre as partes envolvidas no processo. Esta noção de complementariedade antagônica é básica em nosso raciocínio. Trata-se de uma complementariedade antagônica entre o individual e o artístico de um lado, e o estandarizado e industrial de outro. É isto que entendo por complexidade. A associação complementar de coisas antagônicas.

Entre as duas teses que ainda vigoram no que diz respeito ao mundo da mídia, de um lado a que chamamos de otimista por considerar a mídia um bem em si ou a verdade dos fatos, e, de outro, a que chamamos de aristocrática ou pseudomarxista que diz, ao contrário, que a mídia é cretina, destrói o espírito e esconde os verdadeiros problemas, me per-

mito uma outra tese que pretende não ser uma visão eufórica da cultura de massas, nem apenas pejorativa. Eu entendo que se trata de algo complexo que tem aspectos positivos e também negativos.

Edgar Morin transita de uma postura teórica a um sentido de observação profunda da realidade. Busca um método que dê conta de uma imensa curiosidade. Por isso, começou, a partir de 1973, a elaborar uma obra, ainda inacabada, que procura estabelecer as bases de uma nova metodologia científica que dê conta dessa concepção de complexidade por ele elaborada. Neste processo, a linguagem ocupa certamente um lugar importante, uma vez que é a tradutora dos conceitos. Neste sentido, tudo aquilo que provoca o pensamento ou o traduz, merece no mínimo, uma cuidadosa observação. O ambiente mundo das imagens, por exemplo, pode trazer talvez mais problemas do que soluções a um método que pretende ser científico. Morin, no entanto, parece ter convicções já estabelecidas nesse campo das imagens. Responde à pergunta que lhe fiz sobre o papel da linguagem nesse contexto da complexidade:

Edgar Morin - A conquista do cinema falado colocou novamente o problema da linguagem. Hoje, a televisão domina o audiovisual dentro de uma mesma linguagem. Mas não é o mundo audiovisual que diminui o pensamento. É, sobretudo, a maneira como se vive. Creio que é um problema de civilização um pouco mais profundo. Nós vivemos numa civilização da mídia, da rapidez, que nos obriga também a sermos rápidos, a vivermos num mundo digestivo. É observação comum a pessoa que chega em casa tão cansada que não consegue fazer outra coisa senão assistir televisão para se divertir.

A tendência à superficialidade não vem, portanto, da mídia em si mesma, mas das condições internas de sua produção e das condições externas da maneira como a consideramos ou consumimos.

Estaríamos então num universo da informação, mas não do conhecimento. Será isto verdade?

Edgar Morin - É a pergunta de T. S. Elliot que eu sempre cito: “Onde está o conhecimento que perdemos na informação?” Podemos adicionar que é o conhecimento que organiza a informação num contexto e

realiza o confronto das idéias num conjunto. A informação sozinha é um ruído.

No seu livro *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, estas idéias se explicitam melhor. Cito o trecho:

O crescimento ininterrupto dos conhecimentos constrói uma gigantesca torre de Babel, que murmura linguagens discordantes. A torre nos domina porque não podemos dominar nossos conhecimentos.(...) O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersas do saber. Em toda a parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados em informações. O especialista da disciplina mais restrita não chega sequer a tomar conhecimento das informações concernentes a sua área. Cada vez mais, a gigantesca proliferação de conhecimentos escapa ao controle humano. (...) Os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios da nossa época. Não conseguimos integrar nossos conhecimentos para a condução de nossas vidas. Daí o sentido da segunda parte da frase de Elliot: “Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?”. (Morin, 2000: 16-17)

Edgar Morin acredita que é necessário um pensamento sábio para que o conhecimento não se perca. Encontra, portanto, inspiração não apenas no chamado método científico que tem por base a pesquisa singular, mas em outras faculdades humanas além da razão. O que seria então hoje a pesquisa científica. Qual é o seu lugar na vida acadêmica?

Edgar Morin - A pesquisa pressupõe a colocação de uma questão e a tentativa de respondê-la. Ela existe e é necessária em todos os domínios. É o espírito de questionamento e da interrogação. O problema é que muitos institutos de pesquisa e muitos pesquisadores se burocratizaram, traindo assim o espírito do trabalho que se propõe como a criação do novo. A burocratização e a especialização fizeram definhar o espírito do pesquisador. A pesquisa deveria servir para as grandes interrogações,

como quem somos nós, em que mundo nós estamos, qual é o nosso destino.

Numa entrevista concedida ao programa “Roda Viva” da TV Cultura de São Paulo, Edgar Morin, respondendo a uma pergunta da jornalista Neide Duarte, definiu o seu público leitor:

Posso, em primeiro lugar, dizer como Nietzsche: “escrevo para todos e para ninguém”. Mas devo acrescentar que escrevo para todos e para mim mesmo, isto é, para melhor aclarar as minhas idéias, desenvolvê-las melhor. Vou ainda mais longe: os meus livros tocam aqueles que já têm dentro de si a virtualidade de pensar aquilo que eu penso. A difusão das idéias a partir do livro é como a difusão dos grãos a partir de uma árvore. O vento os leva e não sabemos onde eles vão crescer. Mas eles crescem bem onde há pessoas que sentem que expresso suas verdades interiores. Acho isso maravilhoso porque eu mesmo, no fundo, descobri minhas verdades através de escritores. Quando leitoras ou leitores me escrevem dizendo: “Graças ao senhor, assumi minhas contradições, quando eu achava que era péssimo tê-las”, fico muito feliz. Portanto, digamos que me dirijo a todos. Mas sei que muitos desses não serão receptivos por sofrerem a influência das normas culturais dominantes. (Morin, 2000: Programa Roda Viva, TV Cultura, SP)

Foi nesse espírito que formulei a última pergunta a Edgar Morin, pois a pessoa marcada para depois da minha hora já estava esperando há mais de 15 minutos. Perguntei-lhe o que ele pensava do cinema atual.

Edgar Morin - Creio que estamos diante de uma época de grande florescimento do cinema mundial. Nós nos acostumamos a conviver com a grande tradição do cinema americano, assim como do francês, do inglês, do italiano, ou do alemão. Mas hoje assistimos no que diz respeito à arte cinematográfica ao desenvolvimento de uma produção do cinema português, espanhol, para não falar do brasileiro que tem um grande florescimento desde os anos 60. Há ainda o cinema de alguns países asiáticos que é extremamente interessante, assim como um certo cinema africano. Enfim, estamos assistindo a uma formidável produção de mensagens através do cinema, mesmo em países considerados pouco

desenvolvidos. E, em muitos os casos, trata-se de um cinema crítico, interrogativo. Mesmo nos Estados Unidos foram realizados filmes, por exemplo, de contestação da guerra do Vietnã, coisa que os franceses pouco fizeram com relação à guerra da Argélia. O cinema, até mais do que a ópera - pois reúne em si todos os meios - permite exprimir o pensamento e a reflexão sobre a vida. Embora tenha havido a crise do cinema em Hollywood, ela foi, de certa forma superada, com o aparecimento de filmes de grandes meios, como “Guerra nas estrelas”, por exemplo. Mas, ao mesmo tempo, também surgiram filmes mais empenhados, como os de John Cassavetes. Mesmo filmes de grande público como os de Martin Scorsese que são também bons. Acho até que Scorsese tem algo de shakespeariano em alguns de seus filmes. Para mim, o cinema é a grande arte do século XX. E continua vivo.

O lugar especial que o cinema ocupa nas reflexões de Edgar Morin não é gratuito. Ele percebeu, bem cedo e com muita lucidez, que o cinema está na base da nova linguagem que hoje já se tornou hegemônica, embora em constante mutação. A tensão entre o saber técnico e o saber humanista encontrou na sétima arte a complementariedade antagônica que é capaz de pensar os grandes temas da humanidade, mesmo assimilando constantemente as novas arquiteturas do pensamento.

Miguel Pereira é Professor da PUC-Rio

Obras de Edgar Morin consultadas:

Meus demônios. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Cultura de massa no século XX (O Espírito do Tempo). Rio de Janeiro: Forense, 1967.

Programa Roda Vida. São Paulo: TV Cultura, 17/12/2000.